

DOI: 10.20911/21799024v15n1p100/2024

Batismo no Reino do Kongo: promessa de salvação ou prosperidade?

**Baptism in the Kingdom of Kongo:
promise of salvation or prosperity?**

Lucien Nzamba, SJ¹

Resumo: A partir do século XV, Portugal já se destacava como potência marítima. Seguindo os ventos, ele se lança aos mares. As suas viagens de descoberta do mundo, que combinam a conquista, o comércio e a evangelização dos povos, o levarão ao reino do Kongo. Para converter um grande povo a Cristo, todos os meios lhe parecem bons. Mas os mal-entendidos nascidos entre dois povos com cosmovisões diferentes, por vezes mantidos com cuidado, desde que facilitem a conversão, funcionarão precisamente contra a boa evangelização.

Palavras-chave: Batismo; Kongo; Portugal; Jus patronatus; Mal-entendidos.

Abstract: From the 15th century, Portugal already stood out as a maritime power. Following the winds, he launches into the seas. His journeys of discovery of the world which combine conquest, trade and the evangelization of peoples, will bring him to the Kongo kingdom. In order to convert a great people to Christ, all

1 Bacharel em Filosofia pela Faculté Saint Pierre Canisius de Kimwenza (atual Université Loyola du Congo) na República Democrática do Congo (RDC). Mestre em Lettres et Civilisation Latines pela Université de Lubumbashi/RDC. Bacharel e Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte/Brasil. Bolsista CAPES/PROEX.

means seem good to him. But the misunderstandings born between two peoples with different worldviews, sometimes carefully maintained provided that they facilitate conversion, will work precisely against good evangelization.

Keywords: Baptism; Kongo; Portugal; Jus patronatus; Misunderstandings.

Introdução

Já no século XV, Portugal afirmou-se como uma grande potência marítima. Para além do seu comércio secular com o Norte de África, ele queria aventurar-se o mais longe possível, visando as Índias Orientais. E isto porque se tornou insuportável para o seu negócio depender do mundo muçulmano. Este último, ao ocupar o Norte de África, impedia-lhe o acesso ao Oriente. Foi assim que as expedições portuguesas tentaram explorar outras rotas. Seguirão as costas ocidentais do continente africano na esperança de contornar o mundo muçulmano e chegar às Índias Orientais. Foi durante esta viagem que os exploradores portugueses entraram fortuitamente em contato com o reino do Kongo.

Mas antes disso, convém referir que o comércio com os muçulmanos era proibido aos europeus, por receio de lhes venderem produtos como armas. Querendo conquistar o monopólio do comércio nas Índias Orientais, a coroa portuguesa solicitou Roma para beneficiar do apoio do Papa, que então gozava de poder plenário sobre todos os reinos e impérios. Contudo, para arrancar do Sumo Pontífice a autorização de um comércio até então proibido, a coroa portuguesa apresentou o seu projeto em forma de Cruzada. A luta contra os muçulmanos e todos os infiéis, inimigos de Cristo, seria melhor travada através do comércio com eles. Porque, através do comércio, os portugueses poderiam obter deles as informações necessárias. Através de uma sucessão de bulas papais, Portugal recebeu todas as concessões possíveis abrindo caminho a trocas comerciais com os infiéis até então proibidas por Roma, ao mesmo tempo que fechava caminho a potenciais concorrentes, nomeadamente os franceses e os espanhóis.

É com todos os privilégios concedidos pelo Príncipe dos príncipes da época que Portugal se lançará aos mares para levar a cabo o seu projeto de conquista dos povos, incluindo os do reino do Kongo. Para chegar ao cerne da questão, marcaremos o contexto falando do *Jus patronatus*, o contato do cristianismo com o reino do Kongo antes de abordar o batismo de três dignitários: o governador do Soyo ou o Mani Soyo, o Rei do Kongo ou Mani Kongo e o Príncipe Mvemba Nzinga, futuro Rei Afonso. Finalmente, falaremos o mal-entendido que nasce destes batismos.

1. *Jus patronatus*

Para compreender a aventura missionária de Portugal a partir de finais do século XV no reino do Kongo, não podemos deixar de mencionar o *Jus patronatus* de que então gozava a coroa portuguesa. "O direito de padroado, *Jus*

patronatus, é o conjunto de favores e privilégios reconhecidos pela Igreja aos fundadores de uma igreja, de uma capela, de um mosteiro ou de qualquer outra obra piedosa, em troca do seu benefício”.² Com a restauração da autoridade da Igreja, que remonta ao pontificado de Gregório VII, o papa foi considerado o príncipe dos príncipes, exercendo a plenitude de poder acima da qual nenhum poder temporal poderia ser colocado. Portugal, não só no seu comércio secular entre o Norte de África e a Europa, já não queria depender do mundo muçulmano, mas também aspirava ao monopólio do comércio das Índias Orientais. Para fazer isso, ele precisava do apoio de uma autoridade moral. Abordou, portanto, Roma no Concílio de Constança de 1414. Apresentou, nessa ocasião, o seu projeto sob o pretexto de evangelização e, portanto, de Cruzada contra os inimigos de Cristo. Alusão feita explicitamente aos “muçulmanos e outros infiéis”.

A partir desse momento, Portugal continuou a obter privilégios através de bulas papais até se consolidar juridicamente, após décadas, para realizar as suas conquistas. Entre estes privilégios, Portugal poderia, por exemplo, “fundar e construir igrejas, mosteiros ou outros locais de culto, disponibilizar o clero para servir essas igrejas; toda jurisdição, todo poder espiritual, dos Cabos Bojador e Noun, e em toda a costa ocidental, pertenciam para sempre a Portugal” (Meno, 1996, p. 24). É neste contexto que os primeiros exploradores portugueses se aventuraram no reino do Kongo.

2. Cristianismo no reino do Kongo

O primeiro contato do cristianismo com o reino do Kongo foi feito através de exploradores portugueses e, neste caso, Diogo Cão. Este último, em 1483, realizou uma viagem cujo objetivo principal era entrar em contato com o reino do Preste João³. Para isso, navegou, não sem dificuldade, ao longo da costa ocidental de África na esperança de encontrar uma passagem que o levasse do Oceano Atlântico ao Oceano Índico. Chegando à foz do atual rio Congo, os navegadores portugueses tomaram conhecimento da existência do reino do Kongo cuja capital se localizava a 50 léguas do interior do continente. O rei era Nzinga Nkuwu. Uma embaixada portuguesa foi-lhe então enviada como gesto de paz e amizade, trazendo-lhe também um rico presente. O regresso destes marinheiros portugueses à costa demorou tanto tempo sem sucesso que, desconhecendo de

2 Ver, para esta definição, nota 11 em MENO, Kikokula. *Le christianisme dans la mystique des grandes découvertes : Le cas de l'ancien Kongo*. In : ACTES DU CONGRES DE KISANTU. *500 ans d'évangélisation et de rencontres des cultures en pays Kongo, 1491-1991*. : 21-28 juillet 1991. Kisantu: Centre Pastoral de Kisantu, 1996, p. 22.

3 A lenda do Preste João foi divulgada na Europa no tempo da 1ª cruzada, em finais do séc. XI. A necessidade de aliados favoreceu a crença, entre os cruzados, de que iriam receber o auxílio de um poderosíssimo soberano, vindo da Ásia, e que atacaria o Islão pelas costas. Ora começara então a circular uma mensagem dirigida ao imperador Manuel Comênio, de Bizâncio, que alimentava tal esperança. Era uma carta enviada por alguém cuja grandeza assumia duas dimensões: uma sagrada, relacionada com o divino, a outra secular, em conjugação com o mais alto poder na terra - o Preste João era um rei - sacerdote cristão, um misterioso soberano, suserano de muitas dezenas de vassallos. Tão misterioso, que o seu reino se situava sucessivamente na Mesopotâmia, na China, nas Índias, na Arábia, na África Ocidental e, finalmente, na Etiópia. Nesses tempos, os conhecimentos geográficos eram ainda muito deficientes. VILHENA, Maria da Conceição. *O Preste João: mito, literatura e história*. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/357/1/Maria_Vilhena_p627-649.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024. Além disso, de acordo com Richard: “Os primeiros ocidentais a chegar ao Níger, por volta de 1440, consideraram o seu reino acessível através da circunavegação de África a partir do Sul, o que encorajou os portugueses a tentarem a circunavegação do continente africano...” Ver RICHARD, Jean: *Prêtre Jean*. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/pretre-jean/>. Acesso em: 27 jun. 2024. Tradução nossa.

todo o que realmente tinha acontecido aos seus compatriotas, finalmente, Diogo Cão resolveu regressar a Portugal não sem fazer “como reféns, vários negros, chefes locais de a província congoleza do Soyo, que tinha o hábito de visitar o barco sem suspeitas” (Randles, 2002, p. 90)⁴.

Diogo Cão não ficou muito tempo em Portugal. Empreendendo uma segunda viagem em 1485, este valente navegador trouxe consigo os reféns anteriormente feitos no Kongo. Estes últimos eram tão admiradores da civilização europeia como queriam ser os seus arautos propagadores na terra dos seus antepassados. Diogo Cão recebeu “presentes de grande valor para o rei do Congo, a quem iria propor abraçar a religião cristã” (Randles, 2002, p. 90) convidando-o a renunciar à idolatria e à bruxaria. Além disso, ele exigiria tolerância zero para a crença nessas práticas pagãs por parte de qualquer um de seus súditos.

Ao chegar à foz do atual rio Congo, Diogo Cão subiu o seu curso “num percurso de 140 km, até às Quedas de Yelala. Não podendo ir mais longe, deixou uma inscrição nas rochas da costa que ainda hoje pode ser vista” (Randles, 2002, p. 87)⁵. Qual não foi a euforia, a emoção causada aos súbditos do Rei Nzinga Nkuwu ao verem regressar os seus entes queridos, eles que, durante um período de dois anos, foram feitos “reféns”! E mais ainda vê-los bem robustados e bem vestidos. O próprio rei não ficou menos satisfeito. Os grandes do reino e os seus vassallos foram convocados para ouvir a história de Portugal, particularmente sobre a fé em Jesus Cristo...

A Diogo Cão que deve retornar a Portugal, o rei confia o seu embaixador e também presentes de “marfim e esteiras de ráfia finamente tecidas”. Envia também alguns jovens do seu reino para Portugal não só para que se tornem cristãos, mas também para que aprendam a ler e a escrever. Na mensagem dirigida ao Rei de Portugal, manifestou o seu desejo ardente de aderir à fé cristã e solicitou que lhe fosse concedido imediatamente o batismo. Além disso, para a construção de igrejas e outras casas de oração, solicitou também o envio de mestres carpinteiros e pedreiros, sem esquecer “os camponeses para domesticar os bois e ensiná-los a cultivar a terra e lucrar com ela. E que lhe envie mais algumas mulheres para ensinar as do seu reino a amassar farinha” (Randles, 2002, p. 91)⁶.

O Rei de Portugal, Dom João II, respondeu favoravelmente ao pedido do seu homólogo do reino do Kongo. Para a conversão deste reino, uma missão franciscana *ad hoc* foi cuidadosamente preparada e enviada para lá. Chegou ao porto de Mpinda, na província do Soyo, em 29 de março de 1491.

3. O batismo de Mani Soyo

Mani Soyo, governador desta província, acolheu com alegria esta missão. Segundo Rui de Pina: “A missão portuguesa queria ir o mais rápido possível ao

4 O próprio autor cita João Barros, *Décadas*. I, lib. III, cap. III.

5 Ele mesmo se refere à A. Fontoura da Costa. *Às Portas da Índia em 1484*, Lisboa, 1936, p. 27-28.

6 O próprio autor cita Rui de Pina, *Croniqua*, cap. LVIII.

rei do Congo, mas Mani Soyo queria ser batizado imediatamente porque era velho e temia morrer antes do regresso dos portugueses” (Randles, 2002, pág. 92). Após alguns breves preparativos no espaço de cinco dias, o seu batismo ocorreu “no dia 3 de abril, festa da Páscoa” (Nzinga, 1996, p. 42). Mas já no dia anterior, Mani Soyo queria informar o seu povo porque decidiu tornar-se cristão. E o seu povo expressou-lhe o desejo de querer tornar-se cristão tanto quanto ele. “Mas Mani Soyo recusou-os, porque considerou imprudente permitir que demasiadas pessoas de posição inferior partilhassem o privilégio do batismo, antes de o próprio rei do Congo ser batizado” (Randles, 2002, p. 92). Então, assim foi feito.

Durante a cerimônia de batismo, apenas o interessado⁷ é admitido na cabana improvisada construída com todos os esforços para servir de igreja. Preocupados em não saber a que seu líder está submetido ali, seus súditos arrotam pela cabana antes que o neófito saia com o rosto exibindo um brilho alegre e sereno. Ele então fala com eles enquanto expressa sua felicidade e alegria. Também se sente rejuvenescido por essa felicidade. Aos que são atraídos pelos ornamentos com que a igreja é adornada, ele não lhes deixa a oportunidade de entrar alegando que pelo fato de não serem cristãos, não lhes é permitido ver essas coisas tão sagradas. Exortado pelos missionários a não adorar ídolos, Mani Soyo mandará queimá-los, não sem rigor e desprezo.

Randles, certamente como muitos outros, questiona-se, nomeadamente se podemos falar de um verdadeiro batismo, se o neófito compreendeu o seu significado, se podemos falar de uma conversão, etc. Francamente, se não podemos comentar o entendimento ou não que Mani Soyo teve do seu batismo, se também não podemos dizer se realmente houve uma conversão da sua parte, o mais óbvio para nós é que se trata de fato de um verdadeiro baptismo. E isto, pelo simples fato de reunir as duas condições seguintes: matéria e forma.

Depois de ceder às súplicas deste governador do Soyo, concedendo-lhe o privilégio de ser batizado antes do seu sobrinho, o rei do Kongo, a missão portuguesa partiu finalmente para a capital real. Chegando a Mbanza Kongo, uma enorme e alegre multidão acolheu-a com alegria. A corte real não fez o contrário.

4. Batismo do Rei Nzinga Nkuwu

Sem muita demora, iniciaram-se com entusiasmo os preparativos – incluindo a construção de uma igreja de pedra – para o grande acontecimento, nomeadamente o batismo real. “Mil negros começaram a juntar as pedras necessárias, ‘enquanto cantavam de alegria’. Mas o rei pediu para ser batizado antes de ser concluído, porque uma revolta das tribos Bateke na fronteira nordeste o forçou a ir à guerra” (Randles, 2002, p. 95). Assim foi feito.

O Padre João da Costa que esteve no Congo em 1487, seria Frei João que mais tarde foi superior dos missionários em 1490. Tendo permanecido

⁷ Segundo Cavazzi, além de Mani Soyo, um de seus filhos e alguns de seus súditos foram batizados na mesma ocasião. Veja a obra citada, p. 368.

com Diogo Cão em Mbanza-Congo e tendo iniciado a instrução cristã do rei, teria concluído o seu papel, no seu regresso ao Congo, batizando o rei João I, poucos dias depois da chegada da embaixada de Rui de Sousa em 3 de maio de 1491 (Cuvelier; Jadin, 1954, p. 62)⁸.

O rei Nzinga Nkuwu, que se tornou João I em virtude do seu batismo, partiu em expedição militar para a fronteira nordeste. Desta guerra que antecipou o seu batismo, e com uma intervenção portuguesa a seu favor, o rei regressou vitorioso.

Veio o momento para os seus anfitriões regressarem a Portugal. Ao partir para a metrópole, a missão portuguesa teve o cuidado de deixar, em Mbanza-Kongo, “quatro monges para continuar a evangelização, um negro letrado para ensinar os filhos do rei e dos nobres, e alguns portugueses, que deveriam descobrir o caminho para as terras do Preste João” (Randles, 2002, p. 95-96).

Refira-se que a data de 3 de maio de 1491 marca o início histórico da primeira evangelização do reino do Kongo. Contudo, estas primeiras conversões assemelharam-se à semente caída à beira do caminho, bem como nas pedras e entre os espinhos (Mt 13,4-7). Dito isto, não se deve esperar muito dessas conversões. A prova mais contundente disso é que a adesão à fé cristã do primeiro rei do reino do Kongo durou pouco. Na verdade, ele apostatou dois ou três anos depois. Por que uma apostasia tão rápida do rei?

Se para alguns, este fracasso é atribuído ao número muito pequeno de padres que foram rapidamente dizimados pelas doenças tropicais (Cuvelier; Jadin, 1954, p. 16), para outros é sobretudo a incompatibilidade radical entre a poligamia africana e a moral cristã (Randles, 2002, p. 96) que é questionada. É sem dúvida este segundo motivo, para muitos comentadores, que mais se destaca para justificar o regresso às práticas pagãs de Dom João I. No entanto: “Acreditamos, pela nossa parte, que a apostasia de D. João I é o resultado de uma combinação de causas distantes e próximas, algumas das quais são a responsabilidade dos missionários, outras do próprio batizado” (Nzinga, 1996, p. 47). No primeiro caso, o autor aponta as desvantagens do Padroado e a falta de relacionamento direto com a Santa Sé como causas remotas. Enquanto no segundo caso, ele apresenta como causas próximas o significado da poligamia no Kongo e as restrições da teologia tradicional do povo do Kongo⁹.

Ao que parece, é preciso dizer que a poligamia é um costume que, posteriormente à instituição monogâmica original, atingiu um certo nível de prestígio público devido a uma variabilidade de fatores sociais, económicos, demográficos e fisiológicos, sem, no entanto, omitir as crenças mágicas. Como afirmou ultimamente um contemporâneo nosso: “Uma das mais profundas motivações brota do desejo duma prole numerosa. Nestas sociedades natalistas, a mortalidade infantil pode atingir os 70-80% de crianças. Por isso, é preciso gerar muitos filhos para que algum sobreviva” (Altuna, 2014, p. 344)¹⁰.

8 Randles acrescenta que nesta data o rei foi batizado na companhia de seis dos principais nobres. *Op.cit.* p. 95.

9 Para mais detalhes, ver a reflexão do autor citado nas páginas 47-50.

10 Para entender melhor o assunto, ver o autor citado, p. 343-348.

Outra razão apresentada para justificar a apostasia de Dom João I é a influência negativa do seu filho Panso a Nzinga¹¹. Diz-se dele que não só manteve uma grande aversão ao cristianismo, mas também “que trabalhou com tanta habilidade e assiduidade para perverter o rei, seu pai, que conseguiu” (Cavazzi, 1732, p. 372). Mas como o Príncipe Afonso não concordou em renunciar à sua fé cristã, o Rei privou-o do direito de sucessão ao trono, exilou-o da corte e designou o seu irmão mais novo, o Príncipe Panso a Nzinga, como herdeiro da coroa.

Contudo, devemos afirmar que toda a semente que caiu na terra no início da evangelização do reino do Kongo foi dividida entre a beira do caminho, o solo pedregoso e os espinhos? “Com alguns apoiantes, o filho mais velho do rei, Mbemba Nzinga, batizado Afonso, manteve-se fiel ao cristianismo e, para o castigar, o rei exilou-o na província de Nsundi” (Randles, 2002, p. 96). Este príncipe tornar-se-ia mais tarde a referência do cristianismo no reino do Kongo.

5. Dom Afonso I, apóstolo do reino do Kongo?

Foi como apóstata que o Mani Kongo que foi batizado em 3 de maio de 1491 como o primeiro rei cristão do reino do Kongo morreu em 1506¹². Foi sucedido pelo seu filho mais velho, Mbemba Nzinga¹³, que recebeu, como já foi referido, o nome de Afonso quando foi banhado nas águas batismais. Ele teve um longo reinado de 1506 a 1543.

Obviamente, alguns consideram a ascensão de Dom Afonso ao trono como o momento tanto da implantação do cristianismo como dos portugueses no reino do Kongo “porque Dom Afonso, primeiro do seu nome, sempre trabalhou e com todas as suas forças, para dar a conhecer o verdadeiro Deus em todos os seus Estados, e que para assinalar a sua gratidão aos portugueses, os protegeu de maneira muito particular” (Cavazzi, 1732, p. 374).

No que diz respeito ao seu trabalho de propagação da fé no Deus verdadeiro, o testemunho prestado por João Barros, historiador e contemporâneo deste apóstolo nascido no Kongo, não poderia ser mais elogioso. Diz-se dele que ele fez

prova não apenas das virtudes de um príncipe cristão, mas desempenhou o papel de apóstolo, evangelizando e convertendo ele mesmo grande parte de seu povo [...] E para melhor exercer esse ofício de pregador, aprendeu a ler a nossa língua; e estudou a vida de Cristo e os seus Evangelhos, a vida dos santos e outras doutrinas católicas que pôde aprender com a ajuda dos nossos padres, e explicou tudo isto a este povo bárbaro. Enviou também os seus filhos, os seus netos, os seus sobrinhos e alguns jovens nobres a Portugal, para aprenderem a ler e a escrever não só o português, mas também o latim e textos sagrados (Randles, 2002, p. 100).

11 Cavazzi, como se pode ler na p. 372, o nomeia Panso Aquitama.

12 As fontes divergem em relação a esta data. É o caso do autor anónimo da *História do Reino do Congo* que evoca o ano de 1500 como o da morte de D. João I.

13 Deve-se enfatizar que esta não foi uma sucessão pacífica, especialmente porque ele teve que lutar contra Mpanzu Nzinga (ou Panso Nzinga) que se dizia ser um filho bastardo, mas eleito pelos grandes do reino como sucessor do rei, alegando o seu direito fictício de primogenitura (Randles, 2002, p. 97).

Dito isto, para além de corresponder à dignidade de um príncipe cristão, cumpriu, no entanto, a tarefa de reconduzir à fé cristã um grande número dos seus súbditos. Para o conseguir, ele próprio instruído pelos sacerdotes, dos quais aprendeu a doutrina cristã, não apenas para a sua salvação, mas também para a dos seus súbditos, aos quais transmitia o que ele próprio aprendeu dos missionários. A preocupação em dar continuidade ao ensino da fé cristã no seu reino reflete-se na sua visão para a educação dos jovens, entre os quais enviou alguns a Portugal para uma melhor formação. Podia, portanto, contar com eles como futuros evangelizadores do seu povo.

Segundo Damião de Goís, temos razão em dizer que ele não se enganou ao ter sonhado tão grande. Com efeito, esta juventude enviada para a Europa, para além de todas as dificuldades ligadas aos estudos que enfrentou no início da sua estadia europeia e que pareciam comprometer todas as esperanças, conseguiu – não sem a vigorosa intervenção do rei que permaneceu em África – produzir frutos na medida em que “muitos saíram alfabetizados [dos conventos e casas de pessoas cultas e piedosas responsáveis pela sua instrução] e de tal forma que, posteriormente, realizaram um trabalho muito frutífero em seu país, pregando ali a fé católica” (Randles, 2002 , pág. 101).

O caso mais conhecido é, sem dúvida, o do Infante Dom Henrique – filho de Dom Afonso, que “saiu em 1506, empreendeu os estudos de humanidades, depois de teologia sob a orientação dos cônegos missionários” (Cuvilier; Jadin, 1954, p 16) – e que, em 1518, foi consagrado bispo em Roma. Foi “como bispo de Utica e auxiliar do bispo do Funchal” (Cuvilier; Jadin, 1954, p. 18) que regressou da cidade eterna ao seu país natal em 1521, passando obviamente por Portugal. Não se sabe muito sobre o seu ministério episcopal no seu país natal. Morreu talvez em 1526 ou provavelmente antes de 1534. Um outro dos seus irmãos, que se tornou professor de humanidades, permaneceu em Lisboa.

Dom Afonso, que lutou vigorosamente contra a idolatria no seu reino, é retratado como corajoso e prudente; e tendo, embora recentemente convertido ao cristianismo, algo mais, que lhe atraiu uma ajuda especial do Céu: “Não tinha mais nada das superstições do paganismo, em que foi criado. A sua Fé estava firme, a sua piedade não poderia ser maior; tinha uma devoção singular à Santíssima Virgem e dela recebia favores notáveis” (Cavazzi, 1732, p. 388). Antes de dar o último suspiro, Dom Afonso chamou à sua cabeceira o filho mais velho, D. Pedro, e exortou-o “a continuar com todas as suas forças a destruição da idolatria nos Estados que lhe deixou. Assegurou-lhe que era a única maneira de manter em paz o seu Reino e de deixá-lo florescer aos seus filhos” (Cavazzi, 1732, p. 391). Ele expirou depois de recomendar-lhe os missionários e abençoá-lo. Considerando o que se diz dele, a cereja do bolo: “Se vivesse na Idade Média e na Europa, Affonso I sem dúvida teria sido canonizado” (Nkondi, 1996, p. 122)¹⁴.

No entanto, a maioria dos historiadores concorda que a primeira evangelização do reino do Kongo foi um fracasso. Quais são as causas?

14 A autora cita CORNEVIN, R. *Histoire de l'Afrique*, Tome 2 : l'Afrique précoloniale, Payot, Paris, 1966, p. 46.

6. Quando o batismo gera mal-entendidos!

Quando os portugueses desembarcaram no reino do Kongo, uma das grandes dificuldades, senão a principal, acabou por ser a comunicação. Um encontro que colocou frente a frente duas culturas e duas línguas diferentes. Difícil entender um ao outro. Impossível, nestas condições, a transmissão da fé cristã. Graças à permanência dos “reféns” de ambos os lados, iniciou-se a comunicação direta entre os dois povos. Mas não o suficiente para transmitir o conteúdo da fé cristã tal como ela é, apesar da ajuda dos intérpretes. A comunicação neste início de evangelização foi, portanto, fonte de ambiguidades e mal-entendidos prejudiciais tanto para a obra evangelizadora dos missionários como para os futuros cristãos. Na verdade, neste esforço de cristianização, nem todos entendiam necessariamente a mesma coisa.

Quando o batismo regenera! Se as primeiras conversões ao cristianismo foram efêmeras no reino do Kongo, o mal-entendido – sem descurar outras causas – teve muito a ver com isso. Numa sociedade onde, como mostra Meno, existe uma crença na vida após a morte e na possibilidade de reencarnação, o conceito de rejuvenescimento, ou mesmo de imortalidade, não foi menos um atrativo para a adesão ao cristianismo cujo batismo era regenerativo. “Enquanto os sacerdotes falavam de ‘regeneração espiritual’, os interlocutores africanos entendiam ‘rejuvenescimento físico’; os primeiros diziam ‘vida eterna’ após a morte, os demais pensavam ‘imortalidade do corpo’” (Meno, 1996, p. 26). Segundo o mesmo autor, os missionários usaram deliberadamente uma linguagem cheia de equívocos e ambiguidades, não beneficiando nem o cristianismo nem as populações a evangelizar. Talvez não tivessem aderido ao cristianismo se tivessem entendido claramente as coisas. “Aos olhos do rei, o batismo cristão parecia ser um banho de rejuvenescimento e uma fonte de vitalidade para o seu reino” (Nzinga, 1996, p. 40). Os missionários mantiveram, portanto, de certa forma, esse mal-entendido, desde que contribuísse para o seu objetivo de conquistar a adesão dos seus interlocutores ao cristianismo.

Quando o batismo enriquece! A riqueza material demonstrada pelos portugueses (a frota com que atravessaram o mar, os vasos sagrados, os ornamentos, as roupas deslumbrantes, os objetos finamente trabalhados, os ricos presentes enviados pelo rei português, etc.) e a pompa com que celebravam cerimônias religiosas que fascinavam o Mani Kongo e os seus dignitários. Face aos presentes que lhe foram enviados de Portugal, o Mani Kongo declarou que se tornaria cristão assim como todos os seus súditos¹⁵ e que ofereceria tudo no seu reino que pudesse agradar ao rei português. Com efeito: “Os dons de diferentes ordens trazidos ao rei parecem ter uma atração mais forte do que o catecismo que lhe é ensinado sobre a cruz e a ressurreição de Cristo” (Nzinga, 1996, p. 41).

Quando o batismo fortalece! O cristianismo, ao qual o baptismo dá acesso, foi considerado, desde o início no reino do Kongo, como uma fonte de força,

15 Citando Duarte Pacheco Pereira, Nzinga afirma que na realidade o rei quis limitar a administração do baptismo à sua família e a seis nobres “dizendo que coisa tão sagrada não poderia ser dada a nenhum vilão” (1996, p. 41). Na nossa opinião, são aqui relatadas as palavras de Mani Soyo, que recusou aos seus súbditos o acesso ao baptismo antes de Mani Kongo ser baptizado.

tanto espiritual como, sobretudo, física. No final da cerimônia do seu batismo, como acima referido, o Mani Soyo proibiu os seus curiosos de entrar na igreja alegando que por não serem cristãos não lhes era permitido ver estas coisas sagradas. E para ele, precisamente, é graças a essas coisas sagradas que “o rei de Portugal foi dotado de uma força que o tornou o verdadeiro senhor do mundo. Por isso, diz Mani Soyo, era mais razoável acreditar num Deus que dá tanta força a quem o serve” (Meno, 1996, p. 29).

Quando o batismo te torna invencível! Em Mbanza Kongo, no dia seguinte ao seu batismo, o Mani Mbata contou o sonho noturno durante o qual uma mulher muito bonita lhe disse para informar os outros dignitários que agora gozavam de invencibilidade. E quando acordou, sentiu-se tão corajoso quanto enfrentaria com adversários juntos. Por isso ele recomendou a cristianização de todo o reino. Por seu lado, o seu irmão Mani Mbamba diz que sonhou com a mesma coisa. Questionados sobre este assunto por Dom João I que queria saber o significado destes sonhos, os missionários não perderam essa oportunidade. Eles simplesmente viram nisso sinais de graça e salvação enviados por Deus.

Outro fato, consolidando a ideia de invencibilidade adquirida ao preço do batismo, foi a guerra pela qual o Mani Kongo antecipou, como já foi referido, o seu batismo¹⁶. Antes de partir em expedição contra alguns dos seus súditos rebeldes, Dom João I recebeu das mãos do superior dos missionários um estandarte com uma cruz como presente que lhe foi enviado por Dom João II de Portugal. E segundo o missionário, é a coisa mais preciosa do mundo em que o beneficiário tem de acreditar. É um “sinal de paz, pelo qual a nossa salvação e a nossa saúde foram conquistadas, e aqueles que nele acreditam, por mais poucos que sejam, prevalecem sobre a multidão daqueles que não acreditam nele” (Meno, 1996, p. 31). Seria supérfluo e inútil dizer que o Rei e seus guerreiros, voltando vitoriosos da expedição militar, credenciaram a brilhante vitória à adesão ao cristianismo. Sem dúvida: “Os portugueses pretendiam levar até ao fim este esforço de persuasão, para que, firmemente enraizado na fé, Mani Kongo servisse de modelo para todo o seu povo. Nada foi negligenciado para atingir esse objetivo” (Meno, 1996, p. 30).

Quando o batismo é um privilégio dos adultos! A estratégia de evangelização de cima, praticada durante séculos e em voga neste período de grandes conquistas portuguesas, não foi exceção no reino do Congo, longe disso. Segundo Prinz, a história mostra a existência de basicamente duas formas de cristianização já na Antiguidade Tardia: uma violenta e outra conciliadora. A violenta missão remonta a São Martinho (†397), o pai do monaquismo gaulês que não hesitou, na companhia dos seus discípulos, em viajar pelo campo e destruir sistematicamente os templos pagãos. Quanto à missão sem recurso à violência, o prémio vai para Santo Agostinho (†430) por já ter pensado nisso. Quanto a Gregório Magno que, ao aconselhar os seus missionários “a dirigirem-se primeiro aos aristocratas ou soberanos dos povos a converter, para que os povos que lhes

16 Para Meno, foi o batismo da rainha, inicialmente adiado, que finalmente foi antecipado, porque o rei não queria ir para a guerra antes de ver sua esposa tornar-se cristã. Ver o artigo citado, p. 30.

estavam sujeitos adoptem rapidamente e com boa graça a religião de Cristo, também encorajava uma prática 'conciliante' da missão" (Prinz, 2011, p. 782).

Seguindo esse modelo de evangelização por cima, uma vez batizados o Mani Kongo e a sua comitiva real, o seu reino tornou-se *ipso facto* cristão, como diz Germain Nzinga, de acordo com o princípio do momento: "Cuius regio, illius religio" que se traduz como "Tal príncipe, tal religião". Se esta foi, para o mestre do padroado português, a aplicação da evangelização ou a tática da conquista desde o topo, nem é preciso dizer que este método, para o Mani Kongo, "sem se deixar enganar, traçou um caminho para valorizar o seu trono em todos os seus aspectos. O grande perdedor é Cristo, cuja importância central foi grandemente diminuída ou melhor, manipulada de acordo com as visões humanas" (Nzinga, 1996, p. 41). Indo no mesmo sentido, se Cristo parece ser o grande perdedor nesta aventura missionária, isso deve-se ao facto de nunca ter sido o centro das expedições portuguesas da época. "Devemos, de fato, lembrar que para além das considerações humanitárias, da curiosidade científica e dos argumentos religiosos, a motivação essencial que justificou as expedições às costas africanas foi comercial" (Ndaywel, 1997, p. 229). Será que Cristo foi tão marginalizado assim?

Conclusão

Esta reflexão pretendeu ser um breve percurso histórico da primeira evangelização do reino do Kongo ocorrida a partir da última década do século XV. Isto foi possível após o encontro do povo português e o do Kongo. O desejo de conseguir conquistar o maior número possível de pessoas para Cristo fez com que os missionários negligenciassem a preparação sólida antes de administrar o batismo. O fato de pertencer a duas culturas diferentes e não falar a mesma língua não poderia em nada facilitar, senão a comunicação, especialmente a compreensão do conteúdo da fé cristã. Condenada a mal-entendidos um tanto deliberados mantidos pelos missionários com vista à rápida aceitação do cristianismo pelo povo do Kongo, a mensagem cristã não pôde dar os frutos esperados. Com efeito, os meios materiais utilizados para alcançar o objetivo da conversão mantiveram os interessados no mundo concreto, em vez de os elevar ao mundo espiritual. Além disso, a promessa de salvação foi confundida com a de prosperidade terrena. E hoje, a nossa linguagem evangelizadora é suficientemente desprovida de ambiguidades?

Referências

- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional bantu*. 2.ed. Prior Velho, 2014.
- CAVAZZI. *Relation historique de l’Ethiopie occidentale* : Contenant la Description des Royaumes de Congo, Angolle, et Matamba, traduite de l’Italien du P. Cavazzi, et augmentée de plusieurs Relations Portugaises des meilleurs Auteurs, des

Cartes Géographiques, et un grand nombre de Figures en Taille-douce. Par le R.P. J.B. LABAT de l'Ordre des Frères Prêcheurs. Paris : Delespine, 1732.

CUVELIER, Jean ; JADIN, Louis. *L'ancien Congo : D'après les archives romaines (1518- 1640)*, Bruxelles, 1954.

MENO, Kikokula. Le christianisme dans la mystique des grandes découvertes : Le cas de l'ancien Kongo. In : ACTES DU CONGRES DE KISANTU. *500 ans d'évangélisation et de rencontres des cultures en pays Kongo, 1491-1991* : 21-28 juillet 1991. Kisantu: Centre Pastoral de Kisantu, 1996, p. 17-31.

NDAYWEL è NZIEM, Isidore. *Histoire du Zaïre*. De l'héritage ancien à l'âge contemporain. Louvain-la-Neuve : Duculot, 1997.

NKONDI, Ngani Wivine. Observations critiques sur le règne de Mvemba Nzinga (Affonso Ier) 1506-1543. In : ACTES DU CONGRES DE KISANTU. *500 ans d'évangélisation et de rencontres des cultures en pays Kongo, 1491-1991* : 21-28 juillet 1991. Kisantu : Centre Pastoral de Kisantu, 1996, p. 121-127.

NZINGA, Makitu Germain. Le baptême de Mani Nzinga Nkuwu : Une analyse critique et prospective. In : ACTES DU CONGRES DE KISANTU. *500 ans d'évangélisation et de rencontres des cultures en pays Kongo, 1491-1991* : 21-28 juillet 1991. Kisantu: Centre Pastoral de Kisantu, 1996, p. 33-54.

PRINZ, Friedrich. L'Occident et ses païens : Pouvoir et mission dans le monde franc et ses marges (VI^e-X^e S.). In : ARMOGATHE, Jean-Robert ; MONTAUBIN, Pascal ; PIRRIN, Michel-Yves. *Histoire générale du christianisme : des origines au XV siècle*. v.1, Paris: PUF, 2011, p. 781-793.

RANDLES, William Graham Lister. *L'ancien royaume du Congo des origines à la fin du XIXe siècle*. Paris : Éditions de l'EHESS, 2002.

RICHARD, Jean: Prêtre Jean. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/pretre-jean/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VILHENA, Maria da Conceição. *O Preste João: mito, literatura e história*. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/357/1/Maria_Vilhena_p627-649.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.